

ÍNDICE

ABERTURA

A Reflexão sobre a Saudade na Geração “Nós”	11
<i>António Braz Teixeira</i>	

TEMAS E AUTORES

Leonardo Coimbra: Da colaboração na “Nós” à Galiza Reencontrada	23
<i>Alexandre Teixeira Mendes</i>	
A Saudade de Bernardo Soares (F. Pessoa) xulgada dende o criterio ético do Xuíz Wilhelm (S. Kierkegaard)	40
<i>Alípio Santiago Dacosta</i>	
Os Filósofos da Geração “Nós”: Vicente Viqueira e Vicente Risco	48
<i>António Braz Teixeira</i>	
Miguel Torga e a Dorida Saudade de um Portugal Futurante	70
<i>Artur Manso</i>	
Divagações em torno do <i>Ser</i> Poético-Filosófico Saudoso a propósito dos <i>Ritmos</i> Bergsonianos de António Telmo	94
<i>César Tomé</i>	
<i>Ai Que Saudades De Tudo!...</i> (a propósito de Camilo Pessanha)	104
<i>Isabel Ponce de Leão</i>	
Da Saudade como Sentimento de (In)Vastidão ou de um ‘Reservatório’ de Memórias de uma Itinerância sem Tempo: uma leitura a partir de Mariana Alcoforado	111
<i>Joaquim Pinto</i>	
Nós e a Terra: o imaginário social de Nação em Vicente Risco	116
<i>Luís Lóia</i>	
Portugal e a Saudade	125
<i>Luís Martínez-Risco Daviña</i>	
A Saudade: da Sombra Branca à Negra Sombra	131
<i>Luís G. Soto</i>	

Tantas Saudades	141
<i>Maria Celeste Natário</i>	
Saudade e Aprendizaxe:	
“Auto do Prisioneiro” de Ricardo Carvalho Calero	147
<i>Miguel Ángel Martínez Quintanar</i>	
A Temática da Saudade na Lírica Portuguesa	158
<i>Paula Oleiro</i>	
Saudade Implícita, Oração Contemplativa e Restauração da Alma em	
Deus em Francisco de Sousa Tavares	168
<i>Paulo Borges</i>	
“Renascença Portuguesa” e Xeración Nós	192
<i>Paulo Samuel</i>	
Nos 100 Anos da <i>Teoría Do Nacionalismo Galego</i> , de Vicente Risco &	
Do Saudosismo ao Sebastianismo (<i>In Memoriam de Pinharanda Gomes</i>)	
<i>Renato Epifânio</i>	
Tres xeracións unidas pola Saudade	212
<i>Rocío Carolo Tosar</i>	
A Saudade Panteísta em Daniel Cortezon Alvarez	225
<i>Samuel Dimas</i>	
Irlanda e o Celtismo para as xentes da Revista <i>Nós</i>	233
<i>Uxío-Breogán Diéguez Cequiel</i>	

CONCLUSÃO

Carlos Baliñas Fernández: rumbo a um novo modelo hermenêutico	245
<i>Marcelino Agís Villaverde</i>	

A REFLEXÃO SOBRE A SAUDADE NA GERAÇÃO “NÓS”

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

a Luís G. Soto

1. Afigura-se-me não haver sido, ainda, devidamente atendida e valorizada a contribuição que a geração galega de 1916, também conhecida por geração *Nós*, deu para a reflexão sobre a especificidade do sentimento saudoso e para a constituição da filosofia galega da saudade, que preparou e, de certo modo, possibilitou a sua mais sistemática afirmação a partir da geração de 1950 ou geração *Galaxia*.

Por vezes associada ou determinada pela teorização do nacionalismo galego, desenvolvida a partir de 1920, como um dos elementos essenciais da individualidade galega, a saudade, que, até então, se afirmava quase exclusivamente no domínio poético, foi com a geração que, em 1916, se associou nas *Irmandades da Fala*, que, na cultura irmã da Galiza, veio a achar as primeiras aproximações ou considerações reflexivas e especulativas, de diversa profundidade e amplitude, em autores como Vicente Risco (1884-1963), Ramón Otero Pedrayo (1888-1975), ou Xaime Quintanilla (1892-1936).

Se foi Ramón Cabanillas (1876-1959), juntamente com Teixeira de Pascoaes (1877-1952), figuras tutelares da geração *Nós*, quem, pela primeira vez, na esteira de *Os poetas lusíadas* (1919), do visionário poeta-filósofo amarantino, e por ele expressa e directamente inspirado, fez da saudade a chave hermenêutica da poesia galega, coube àquele grupo de escritores a tarefa de considerar ou analisar o sentimento saudoso de uma mais funda perspectiva reflexiva, vislumbrando e identificando alguns dos seus mais significativos e específicos traços individualizadores, quando não mesmo a sua singular dimensão metafísica, partindo das intuições pascoalinas ou com elas convergindo, sem contudo, deixar de procurar esclarecer os modos, porventura distintos, que o sentimento saudoso assumira nos dois povos, em boa parte devido ao seu diverso destino ou percurso histórico, ou os graus ou as formas que revestia entre os galegos ou o em que se distinguia de sentimentos dela próximos ou afins, como a *morriña*, a *añoranza* ou a *nostalgia*.

2. No texto intitulado *A saudade nos poetas galegos*, que, em 1920, constituiu o seu discurso de ingresso na Academia Galega, Ramón Cabanillas caracterizava



o sentimento saudoso como “um sentimento íntimo, fundo, perene, sem exaltações, excessos ou dramatismos” mas com “serenidade, dor íntima e esperança”, cujos traços definidores mais expressivos seriam “a cobiça do longe, o pressentimento do que está para chegar, anseio de um bem perdido, lembrança de uma luz que nos tocou no vago do sonho” e em que pensava ser possível distinguir dois níveis ou duas dimensões, uma de cariz metafísico, místico ou religioso e a outra de feição amorosa.

Convergindo com Pascoaes e Leonardo Coimbra, o lírico galego entendia que os dois essenciais elementos constitutivos da saudade vinham a ser a Lembrança ou Recordação e o Desejo ou a Esperança, notando, igualmente, que a lembrança saudosa não era mera recordação ou memória passiva de pessoas, acontecimentos, estados ou sentimentos passados mas *memória criadora* ou *inventiva*, que conferia àqueles dois elementos do sentimento saudoso uma essência transcendente, fazendo dele “uma força invencível de recordação e de anelos de esperança divina” ou “divina saudade”.

Ocupou-se aí, igualmente, o celebrado autor de *Vento mareiro* em procurar identificar o que distinguiria a expressão galega da saudade da sua expressão portuguesa, notando que, enquanto a nossa seria messiânica, achando-se, indissoluvelmente, ligada à crença sebastica no rei Encoberto, a saudade galega seria saudade telúrica, “saudade da “terra-mãe”, do lar, da campina verdejante, do sino da aldeia, da chuva miudinha; do bosque sombrio de castanheiros, da lua que se põe por detrás do pinhal”, ao lado da qual haveria duas outras formas mais elevadas ou transcendentais do sentimento saudoso, correspondentes, respectivamente, ao desejo de um Paraíso futuro, alimentado pela lembrança do Paraíso perdido, e à *saudade de redenção*, engendrada pelas outras duas¹.

3. No mesmo ano em que Cabanillas deu pública expressão ao seu modo de entender e pensar o sentimento que é comum a Portugal e à Galiza, Vicente Risco, recém convertido à causa galeguista, iniciou uma correspondência epistolar com Teixeira de Pascoaes, que iria prolongar-se até 1927, deu à estampa uma *Teoria do nacionalismo galego* e assumiu a direcção da revista *Nós*, órgão cultural por excelência da geração que, quatro anos antes, criara as primeiras *Irmandades da Fala*.

Vicente Risco foi, precisamente, o primeiro em que, de forma mais clara e evidente, a reflexão sobre a saudade surgiu directamente associada à justificação teórica do nacionalismo galego, como um dos seus elementos de maior significação e importância e por ela, de certo modo, determinada ou desencadeada.

¹ “A saudade nos poetas galegos”, *Obras Completas*, vol. III, Madrid, Akal Editor, 1981, pp. 277-289. Cfr. A Braz Teixeira, *A Filosofia da Saudade*, Lisboa, Quidnovi, 2006, pp. 121-124.



IRLANDA E O CELTISMO PARA AS XENTES DA REVISTA NÓS

UXÍO-BREOGÁN DIÉGUEZ CEQUIEL

Falar de Irlanda e o celtismo para o galeguismo é afondar nunha realidade que nos retrotrae ao substrato máis profundo da vertebración do movemento político que reclamaría a Galiza como suxeito político, que coñecemos como galeguismo ou nacionalismo galego, coas súas derivadas económicas, culturais, literarias, etcétera; e que chega até aos nosos días, a partir de moi diferentes etapas e manifestacións, así como figuras e, sobre todo, realidades político-organizativas¹.

IRLANDA, O ATLANTISMO E CELTISMO NA REVISTA *Nós*²

No 1920 nacia en Ourense *Nós. Boletín mensual da cultura galega*, sendo central na conformación de diversos grupos de investigación sobre o pasado do país. O grupo promotor da devandita publicación acabaría participando cos mozos universitarios galegos que darían lugar ao *Seminario de Estudos Galegos*, creado no 1923, iniciativa superadora da Universidade galega daquela altura, en materia investigadora no campo da prehistoria e arqueoloxía, a xeoloxía ou a literatura galega, entre outras disciplinas³.

Desde que irrompe a revista *Nós* observamos como a historia da Galiza é central nas súas páxinas e como a reivindicación do pasado máis lonxano estaría presente na maior parte dos seus números desde o inicio da publicación. Na primeira entrega desta revista, Vicente Risco, director da mesma, asinaba o texto “O sentimento da Terra na Raza Galega”, facendo fincapé na existencia dun “espírito nacional” da “raza galega”. Con este propósito, Risco facía un repaso pola produción de diversas autoras e autores galegos, fundamentalmente poetas, para

¹ Se ben o celtismo na historiografía galega é anterior á articulación dun discurso nacionalista galego. Vid. Pereira González, Fernando (2017), *Nas orixes do celtismo galego: os celtas na historiografía dos séculos XVII e XVIII*, A Coruña, Edición do autor, p. 265.

² Este texto é unha síntese do capítulo “Irlanda e o celtismo para o galeguismo. De Manuel Murguía á revista *Nós*” en Diéguez Cequiel, Uxío-Breogán e Ríos, Xulio (2020), *A viaxe de Plácido Castro ás Illas Blasket (1928)*, Compostela, Instituto Galego de Historia.

³ Vid. Mato, Alfonso (2001), *O Seminario de Estudos Galegos*, Sada, Edición do Castro.



evidenciar a sensibilidade espiritual galega (desde Rosalía a Castelao, pasando por Añón, Pondal ou o propio Cabanillas). Autores que serían homologados aos “bardos” da tradición céltica.

Afirmaría Risco, neste seu texto no primeiro número da revista *Nós*, como a íntima relación do pobo galego co medio físico habería que entendela en chave espiritual, a partir dun substrato histórico legado polos celtas:

«Dende Taine, dende Ritter, dende Montesquieu, é unha verdade adimida a influencia da terra no home. Pro cecais ningún pobo tivo como o pobo galego a concencia, e mais ainda, o sentimento, o pathos d'esta influencia. Algúns xa emprincipiamos a poñer iste sentimento como principio d'unha ética e mais d'unha estética. (...) o noso sentimento relixioso da Terra pudera vir, sen mais nada, do noso ruralismo, da nosa vida agrícola; pudera non ser outra cousa que a emoción do sedentarismo. Y-ainda así sería un sentimento relixioso. (...)

Eu penso que é a emoción sagrada dos primeiros abós (*sic*) celtas qu'eiquí chegaron, diante do encantamento da Terra meiga qu'eiquí os prendeu para sempre.»⁴

Así mesmo, Vicente Risco a través de *Nós* desenvolvería desde os primeiros números da publicación un ensaio, por entregas, intitulado “Galizia Céltiga”. O director de *Nós* abordaba neste contributo a ‘significación do Celtismo’, as ‘poboacións precéltigas da Galizia’ ou os ‘nomes dos pobos céltigos’, entre outros⁵, adicando o traballo ao historiador Manuel Murguía.

O interese daqueles galeguistas polo celtismo e a cuestión irlandesa era non só histórica, como vimos, senón que subxacía unha atracción política (buscando unha homologación entre a Galiza e Irlanda). Dentro da cristalización dunha rede internacional de irlandeses e irlandesas, favorábeis a independencia de Eiré, celebraríase en París entre o 21 e o 29 de xaneiro de 1922 o “Congreso Mundial da Raza Irlandesa”, ideado desde New York por Thomas Hughes Kelly⁶. Inmediatamente antes, con data 20 de xaneiro daquel ano, desde A Coruña os galeguistas das *Irmandades da Fala* enviarían un saúda aos asistentes á devandita

⁴ Risco, Vicente (1920), “O sentimento da Terra na Raza Galega”, *Nós. Boletín mensual da cultura galega*, Ourense, Sociedade Galega de Publicacións Nós, nº1 pp. 6-7.

⁵ Risco, Vicente, “Galiza Céltiga”, *Nós* nº3, p. 5-14. Esta produción de Risco publicaríase ao longo de varios números da revista *Nós*.

⁶ Tesoureiro da organización independentista irlandesa *Friends of Irish Freedom*. O devandito encontro sería precedido do “Primeiro Congreso da Raza Celta en Suramérica”, celebrado en Buenos Aires o 29 de novembro de 1921, coa asistencia de cincuenta entidades que enviarían a París delegados. *Vid.* Cruset, Maria Eugenia (2006), “El alzamiento de Pascuas de 1916”, *Revista Relaciones Internacionales* nº 30.

